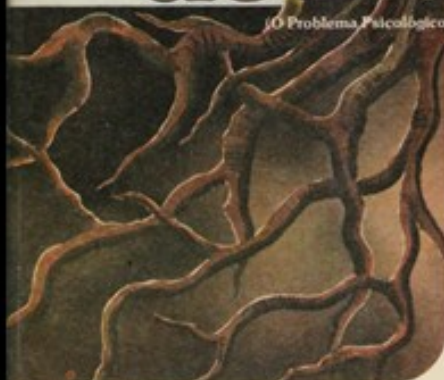




Problemas do Futuro

(O Problema Psicológico • Filosófico • Científico)



PIETRO UBALDI

PROBLEMAS DO FUTURO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| I. A VERDADE..... | 25 |
| II. A PERSONALIDADE OSCILANTE E A VISÃO DE OUTRAS VERDADES | 37 |
| III. EXPERIÊNCIAS EM BIOLOGIA TRANSCENDENTAL | 46 |
| IV. UM CASO VIVIDO..... | 58 |
| V. A ECONOMIA SUPERNORMAL | 67 |
| VI. LUTA E SELEÇÃO..... | 81 |
| VII. O MAIS FORTE..... | 90 |
| VIII. A METAMORFOSE | 99 |
| IX. A TÉCNICA DA EVOLUÇÃO | 113 |
| X. O PENSAMENTO CRIADOR..... | 123 |
| XI. LIVRE-ARBÍTRIO E DETERMINISMO | 128 |
| XII. EQUILÍBRIOS | 139 |
| XIII. EVASÕES..... | 152 |
| XIV. INFERNO E PARAISO..... | 161 |
| XV. DEUS E UNIVERSO (I Parte) | 174 |
| XVI. DEUS E UNIVERSO (II Parte) | 191 |
| XVII. AS ÚLTIMAS ORIENTAÇÕES DA CIÊNCIA | 207 |
| XVIII. O CONTÍNUO ESPAÇO-TEMPO E A EVOLUÇÃO DAS DIMENSÕES | 224 |
| XIX. O ESPAÇO-CURVO E A SUA EXPANSÃO | 236 |
| XX. COM A CIÊNCIA PARA O INCONCEBÍVEL | 247 |
| XXI. A CIÊNCIA NA DESCOBERTA DE DEUS | 259 |
| XXII. O DRAMA DE QUEM CRÊ | 266 |
| Vida e Obra de Pietro Ubaldi (<i>Sinopse</i>) | 275 |

INTRODUÇÃO

Iniciando o presente volume, que se abre no limiar da terceira trilogia, é necessária uma pausa para nossa orientação. Cada um desses livros é uma jornada, cada trilogia representa uma volta na maturação do destino daquele que escreve e no desenvolvimento do seu pensamento, traçado nesta obra, em paralelo com o desenvolver do pensamento da própria vida, conforme esta se expressa pela ação, na fase histórica que estamos atravessando. Façamos isso, portanto, para que nos possamos orientar nesses aspectos, os quais se acham intimamente entrelaçados e se desenvolvem em ressonância, formando uma perfeita sinfonia, no mais unitário sentido da vida. Isto não é somente afirmado em cada palavra, mas também vivido profundamente.

O enquadramento formal dos seis volumes, que compõem a primeira e segunda trilogias, já se encontra no prefácio do trabalho precedente: *A Nova Civilização do Terceiro Milênio*. Vamos repeti-lo, entretanto, para o leitor novo, que ainda não conhece o argumento. A primeira trilogia compreende: 1) *Mensagens*¹ e *A Grande Síntese*; 2) *As Noúres*; 3) *Ascese Mística*. A segunda trilogia é formada de: 1) *História de um Homem*; 2) *Fragmentos de Pensamento e de Paixão*; 3) *A Nova Civilização do Terceiro Milênio*. A terceira trilogia inicia-se com *Problemas do Futuro*. No capítulo XVIII, do volume precedente, acha-se sumariamente explanada a significação dessas etapas.

O autor é um viandante da vida, de uma vida em ascensão, na qual ele se eleva penosamente, degrau por degrau. Nessa subida, realiza uma série apocalíptica de experiências espirituais, que se lhe mostram muito graves e decisivas no mundo biológico e que, por transcenderem a vida comum, o deixam tão espantado, que não pode furtar-se à necessidade de analisá-las. As palavras que escreve foram por ele vividas com luta e sofrimento, portanto compreender-se-á que, atrás do desenvolvimento do pensamento racional, encontra-se o desenvolvimento de um destino e que a batalha de conceitos foi primeiramente batalha de paixão. Pode-se dizer, pois, que cada palavra aqui escrita ainda está sangrando de dor, vibrando em consequência da luta travada. No fundo, trata-se propriamente de uma biografia, vista em sua profundidade; de um caso real, em que é a vida que fala e se revela, com a experiência de um para proveito de todos. É natural que, assim sendo, o pensamento explanado nestas páginas tem

¹ Traduzidas em português como *Grandes Mensagens*. (N. do T.)

de estar estreitamente unido à manifestação histórica da própria vida, porque ela é sempre una e indivisível.

Foi afirmado já, na conclusão da precedente segunda trilogia, que o ciclo da primeira é explosivo e o da segunda, reflexivo. É a assimilação que se segue à inspiração. É uma espécie de recuo sobre a primeira impetuosa revelação, para que ela possa ser disciplinada e melhor compreendida racionalmente por todos. É uma assimilação necessária para se poder subir ainda mais, depois de terem sido racionalmente consideradas e consolidadas as posições alcançadas por inspiração. Foi muito forte e muito rápido o passo até à *Ascese Mística*. Após atingir as alturas místicas, havia necessidade de tudo disciplinar e enquadrar. O filósofo não achará nesse caminho exposição sistemática, onde se busca a construção de sistemas com um cerebralismo artificioso. Isto foi evitado, para que a própria vida falasse com o seu dinamismo. A organicidade, mais do que nos esquemas conceptuais da exposição, está inserida na sempre presente substância do argumento: a eloquente estrutura orgânica do universo. Fundamentalmente, é o mesmo processo evolutivo que falou em muitos, como a Beethoven, na Nona Sinfonia, ou a Wagner, no Parsifal.

Esse processo evolutivo implica a retomada dos motivos da primeira explosão, onde foram apenas sinteticamente expressos, para se proceder depois ao seu desenvolvimento analítico. É por isso que, no volume precedente, *A Nova Civilização do Terceiro Milênio*, encontra-se o subtítulo: “Análise e Desenvolvimento de *A Grande Síntese*”. Esta, como escrito inspirado, permanece fundamental, mas sempre parece mais um esquema do que um verdadeiro e exaustivo tratado. Dai a necessidade de desenvolvê-lo, de ultrapassar sua vastidão sintética, descendo-se à profundidade analítica.

As características da terceira trilogia não se tornarão completamente evidentes senão quando o processo for completado. Não podemos prever, senão no conjunto, aquilo que a vida poderá dizer em uma determinada fase de sua manifestação. O certo é que este primeiro volume da terceira trilogia se inicia com um retorno à obra *A Grande Síntese*, com um desdobramento reflexivo sobre a sua parte mais difícil, que é a inicial, científica. O alforje do autor, caminhante da vida, tem se tornado sempre mais cheio de experiências. Ele está cansado de palavreado inútil e tem pressa em concluir a demonstração da doutrina de *A Grande Síntese* com provas resolutivas. Ele sente toda a vacuidade e a corrosão das polêmicas filosóficas e religiosas. Preocupa-o apenas o que é consistente para provocar no involuído o abalo decisivo na hora histórica

crucial. Por isso ele se dirige à ciência, procurando o motivo da vida na origem e na psicologia do homem, para então desenvolver o presente volume.

Mas, também aqui, o caminho continua sempre, assim como a vida segue da matéria para o espírito. Deste modo o presente livro, tal como os outros, nada mais é senão uma diversa sinfonia da ascensão. Mesmo retomado de baixo, o traçado é sempre o mesmo, portanto, embora não se possa exatamente prever o conteúdo desta terceira trilogia, porque a vida fala com os fatos e se expressa em formas concretas, reais e vividas, a lógica do desenvolvimento e o pressentimento de intuição dizem que, como a nota dominante da primeira trilogia foi *explosão* e a da segunda, *assimilação*, então a da terceira será *sublimação*.

Dados esses graus de desenvolvimento, é natural que a nota inspiradora tenha dominado no primeiro tempo (primeira trilogia). Daí, os qualificativos de médium, ultrafano², inspirado e místico, aplicados ao autor. De fato, ele falou em nome de outra personalidade, em forma ultrafânica, em *Grandes Mensagens* e *A Grande Síntese*. No seu segundo volume, *As Noúres*, ele se pôs logo a observar a si mesmo, para poder compreender o fenômeno da inspiração e suas consequências, a fim de que tudo viesse a ser controlado com responsabilidade e plena consciência. Porém o ímpeto da explosão não pôde deixar de levá-lo até à altura do terceiro volume: *Ascese Mística*. No segundo tempo (segunda trilogia) a nota inspirativa, tratando-se de um período reflexo, se atenua e, com o primeiro livro, aparece um retorno autobiográfico: *História de um Homem*, no qual o autor procura a si mesmo. O segundo volume é uma coletânea de artigos que expunham de forma dispersa o seu pensamento e que foram publicados em revistas. O terceiro é, como foi dito antes, uma retomada e um desenvolvimento dos problemas mais humanos de *A Grande Síntese*, decisivamente apontando para a meta de toda a obra, que é a nova civilização do espírito, o grande motivo, apenas assinalado anteriormente. Retornos necessários, sem os quais o desenvolvimento não é possível, método que, embora ao leitor menos avisado possa parecer apenas repetição, é conscientemente adotado.

Assim, cada volume, significando uma etapa do caminho e exprimindo uma fase de vida, à qual adere, tem sua característica própria, que o distingue, como se dá, por exemplo, com as sinfonias de Beethoven. Assim, o ter-

² O que pratica a ultrafania, quer que dizer: luz do além. Ultrafano corresponde ao médium espiritista. (N. do T.)

ceiro tempo (terceira trilogia), que podemos chamar de sublimação, inicia-se com este primeiro volume, no qual é feito primeiramente um profundo exame da personalidade humana, já iniciado no livro anterior; abarca-se depois a ciência da matéria, a fim de finalmente levá-la até à fé e ao espírito, seguindo um método ultramoderno de renovação, em que, alcançando uma visão mais profunda do universo, não mais materialista, a ciência se torna um grande motivo de sublimação, que não poderá deixar de constituir o final místico de toda a obra nos ulteriores volumes. Este final, para o autor, significa a última sublimação do seu destino e, para o mundo, o despontar da aurora da nova civilização do espírito. Nestas três formas estreitamente ligadas: exposição conceptual, caso individual de evolução espiritual e ascensão coletiva do homem, a vida fala, exprimindo o mesmo pensamento. Há, na tempestade dos conceitos, nos dramas de paixão e de dor de quem escreve e nas lutas do mundo, a mesma elevação, a purificação criadora que da matéria leva ao espírito, a sublimação na dor que redime.



Nesta curva da vida do autor, da exposição que constitui sua obra e do próprio destino do mundo, três fatos sintonizados no mesmo ritmo ascensional, é necessário aprofundar os conceitos acima expostos, com coragem e sinceridade, para proveito de todos. Que significa, nesses seus três aspectos, essa sublimação que caracteriza a terceira trilogia? Começemos pelo primeiro.

Para o autor, isto significa aprofundar sempre mais a consciência do próprio destino, quer dizer, manter sempre mais estreito contato com o infinito; significa completar a purificação. Há muitos anos, o misterioso processo biológico da maturação vem-se realizando, sem ser visto exteriormente nem compreendido, através de uma profunda e dilacerante maceração, sob múltiplas formas. Trabalho intenso, dor, renúncia, pobreza. Um contínuo afastamento de si mesmo, de tudo o que é humano, arrancando a própria carne viva pedaço por pedaço, lentamente, para não acabar morto. Sim, e tudo isto endossado pela vestimenta exterior do imbecil que não sabe conduzir seus negócios, pela máscara do homem educado que deve sorrir para não incomodar, mas, intimamente, acompanhando o progressivo esclarecimento da consciência do seu próprio destino, num crescente senso da missão que deve desempenhar, numa afirmação no plano do espírito. A grande experimentação evangélica da qual nasceram os volumes precedentes não foi para o autor literatura, mas um fato vivido, carregado de frutos vivos. Ele, tendo em vão procurado livrar-se do peso

da riqueza, que constituía um embaraço à marcha encetada, acabou por enfrentar o dilema: ou cuidar de seus próprios negócios ou renunciar à sua missão. Conciliar duas coisas, onde cada uma exigia totalmente o homem, era impossível. E o senso da missão a cumprir, cada dia que passava, mais se acentuava em seu íntimo e mais forte gritava. Precisava então abandonar os interesses materiais, deixando-os à mercê do assalto de todos.

Eis o dilema: salvar os valores do espírito ou os da matéria? Ora, uma vez que, neste nosso mundo, sempre se encontra aquele que está pronto a levar o que não é guardado nem defendido, além do que é impossível confiar em outros, pois quem sabe desincumbir-se de seus negócios, em geral, só o sabe para si mesmo, então ocupar-se dos valores do espírito significava pobreza. Precisava escolher. Vivemos em um mundo no qual os involuídos são ativíssimos em realizar sua vida com seu próprio método, a qualquer preço. O homem de espírito, que nesse campo é inepto, facilmente é eliminado. Então, a escolha foi feita, e foi iniciada a experimentação evangélica. O autor pôde descrevê-la nos volumes anteriores, porque a estudou de perto, porque a viveu. Evangelho experimental. Só assim essas coisas podem ser verdadeiramente compreendidas; só assim se pode fazê-las compreendidas, quando as pregamos; de outro modo, não passaria de retórica. Trata-se de experimentação que verdadeiramente inverte os valores e refaz o homem; catarse que penetra até aos ossos. É um avanço que parece de loucos, nas trevas rasgadas pelo lampejar de uma alucinante luminosidade interior, em meio da qual o Evangelho, como sentinela ao longe, grita: “Ocupai-vos das coisas do espírito e tudo o mais vos será dado”.

Se soubermos, pois, inverter os valores correntes e realmente viver a utopia do Evangelho, entraremos no mundo dos prodígios, tornando atual a já descrita economia do evoluído, baseada na Providência. O milagre consiste em que sua vida, parecendo humanamente ter que findar no desespero da miséria e da fome, deságua, ao contrário, num confiante abandono em Deus, porém não só confiante pela fé, mas também através da prova experimental, onde os fatos demonstram que o apoio nunca falta a quem verdadeiramente crê no Evangelho, praticando-o.

Quando é superada a grande barreira que nos separa da inversão dos valores correntes, desenvolve-se a série dos milagres. A percepção do mundo que nos circunda é dada pela nossa natureza; se nós mudamos, tudo muda. Assim, com a nossa elevação no espírito, tudo tende a sublimar-se; o que antes era dor, transforma-se em regozijo. Então, o trabalho, hoje transformado em con-

denação pela máquina e pela avidez humana, torna-se um livre e alegre ato da criação, no qual o homem é chamado a colaborar no funcionamento do universo e operar, à semelhança de Deus, imitando-o em Sua perene ação criadora. Toda renúncia na matéria aparece no lado positivo, como construção do eu, isto é, como conquista e afirmação no espírito. A solidão se povoa de forças amigas que nos estendem os braços e nos ajudam; as provações se suavizam e se tornam criadoras de nós mesmos.

Eis as maravilhas da ascensão, o milagre experimentado pelo autor. O valor destes escritos não se baseia na novidade de conceitos, que são velhos como a vida, mas sobre o fato de que eles foram experimentalmente vividos, e não apenas repetidos, ainda que em perfeita ortodoxia de forma. É certo que, antes de Colombo descobri-la, a América já existia, contudo ela foi no seu tempo a maior descoberta do século. Desta forma, se hoje, assim como Colombo fez com a América, o homem descobrisse verdadeiramente o Evangelho, vivendo-o experimentalmente, tocando-o com as mãos, esta também seria a maior descoberta do século.

Atingindo pela evolução o plano do espírito, tem-se a sensação de que emergimos de um fétido mar de lama. Liberdade no infinito. Entre tantas imperfeições dolorosas, se percebe, de outro lado, a harmoniosa perfeição da obra de Deus. No plano do universo, percebe-se a lógica do próprio destino, que é assim aceito, porque se verifica que ele nos conduz “sempre” ao encontro daquilo que representa o nosso bem. Compreende-se a maravilhosa trama da vida, admira-se tudo e bendiz-se a Deus. É verdade que há as provações, mas, depois de superá-las, compreende-se o respectivo sentido e o seu valor criador; adquire-se então uma visão profunda, que vê o porquê de cada uma das vicissitudes humanas. Tudo se vai revelando completamente, a dor se faz instrumento de redenção, e cada acontecimento de nossa vida se torna um amigo, porque é para nós, sempre, o melhor possível. O grande milagre da ascensão é a nossa progressiva libertação da dor e do mal. Todo assalto destruidor se transforma em meio de criação. E a força de cada ocorrência nos fará sempre sentir perto de nós a mão operante de Deus, imanente em nós!

Então, o caminhante da vida, carregado de recordações, em que o futuro, antes um tanto vago, se transformou em passado, vê e compreende. Compreende como cada golpe da adversidade provocou como reação uma nova luz, como cada obstáculo o estimulou, como cada provação o instruiu e como toda vicissitude se transformou em força criadora. Então ama-se tudo o que

antes desagradava e pesava, porque já se sabe que tudo serve para edificar o espírito. A catarse é de todo o ser, de suas qualidades, de suas necessidades e desejos, assim como de sua dor. Tudo se sublima nele e, nele e com ele, destila-se e transmuda-se. E isto o faz verdadeiramente rei da vida. É o superamento de todo um mundo, para entrar em outro mais alto. O ser é levantado para o céu por esta sua sublimação acima de todos os males e dores humanas. Eis o conceito dominante na terceira trilogia.



Com relação a este conceito, observemos agora a obra escrita, a série de volumes que dele são consequência. O processo evolutivo do autor não pôde deixar de produzir nele um relampejar da mente, um clarão de conceitos que, regularmente registrados e depois publicados, têm dado lugar a várias interpretações. No princípio, no período explosivo da primeira trilogia, esse clarão foi tão forte, misterioso e imprevisto, que tomou o aspecto de verdadeira mediunidade. O autor foi, pela necessidade bem humana do enquadramento, catalogado logo no campo mediúnic (primeiro período das *Grandes Mensagens* e de *A Grande Síntese*). Mas, saberemos nós o que, verdadeiramente, seja a mediunidade?

O autor passou, pois, a procurar por si mesmo, tentando aprofundar a visão nesse abismo que é o mistério da personalidade humana, fenômeno até hoje bem longe de ser plenamente conhecido. Assim, começou a compreender o seu caso e procurou defini-lo (segundo volume: *As Noúres*). Pôde, então, precisar que se tratava de mediunidade inspirada, ativa e consciente. Nenhum transe, inconsciência ou cessão passiva de seu próprio eu a qualquer entidade incorpórea ou forças estranhas. Ele, permanecendo consciente, captava a onda (noúre) e registrava, escolhendo com pleno conhecimento, como uma antena que captasse a frequência transmissora porque a conhece e quer sintonizá-la, recebendo-a por relação voluntária de ressonância, livremente. A mediunidade torna-se assim inspirativa, isto é, não mediunidade de efeitos físicos – nunca praticada e sempre evitada pelo autor como barôntica³ – mas ultrafania ativa e consciente, sem transe. E assim foi ele tido por ultrafano. À vista disto, os seus escritos foram considerados suspeitos pela Igreja e aceitos no campo espírita.

Mas, eis que no fim do primeiro período, com o seu terceiro volume, *Ascese Mística*, o autor supera também o campo ultrafânico e, deixando atrás o

³ De natureza densa, inferior. (N. do T)

espiritismo, que o havia catalogado entre os seus, se transforma em inspirado e, enfim, em místico, entrando num campo apropriado sobretudo às religiões.

Os trabalhos que compõem a segunda trilogia perderam a vestimenta mediúnica, ultrafânica ou inspirativa e falam a linguagem normal. Assim é o presente volume. Ora, muitos perguntam se esses novos livros que se expressam como falam todos, e não com tonalidade extra ou sobrenatural, são ou não inspirados. Os leitores, em geral, estão habituados, como os demais, a tratar com o homem normal de tipo único e constante, de enquadramento estável, e não com o tipo múltiplo, em contínua evolução, como é o nosso caso, que, por isso mesmo, não pode ser enquadrado em esquemas fixos.

Em se tratando desta trilogia, era necessário responder a esta pergunta, esclarecendo dúvidas. O autor, agora, acha-se cômico de haver completado seu misticismo na forma ativa de sua missão e o tem estudado em si mesmo, com auxílio de outros místicos, embora ainda esteja longe de tocar o fundo deste mistério (que, aliás, não pode findar), de tal maneira que, em seu caso, através de um contínuo controle racional do fenômeno de sua intuição e dos seus produtos por ele registrados, transformou a sua própria inspiração em técnica regular de pesquisa, que ele chama o método da intuição, não tendo nada a ver com a ultrafania em transe e muito menos com o mediunismo de efeitos físicos. A finalidade da vida do autor, como acima ficou dito, não é de nenhuma maneira o estudo dos fenômenos mediúnicos, e o espiritismo lhe interessa relativamente. Sua vida é missão, e seu escopo não é a experimentação espiritista, mas sim a evangélica; não é a indagação do além-túmulo, mas a ascensão espiritual. O grande problema é a conquista da felicidade, e o que transforma tudo em nós, para o bem e a alegria, não é o além-túmulo, mas sim a evolução, a catarse da vida, elevando-nos do plano animal humano ao super-humano. O que importa é a sublimação, sem o que tudo permanece cego, inferior, doloroso, seja aqui ou acolá. E o mediunismo de efeitos físicos ocupa-se bem pouco da sublimação; visa problemas particulares, realmente secundários em relação ao problema de apresentar, na atual e tremenda hora histórica, cada vez melhor contribuição para a salvação do mundo.

Se o misticismo é para o autor o vértice da ascensão, o método da intuição (a inspiração reduzida a método) é a sua disciplina, que organiza e racionaliza a inspiração, dirigindo-a metodicamente à conquista do conhecimento, para resolver os mais variados problemas, inclusive os da ciência, com o objetivo de melhorar o homem, para seu próprio bem. A sublimação atua então

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

